

**A ARTE NÃO
PRECISA DE
JUSTIFICATIVA**

H. R. ROOKMAKER

**A ARTE NÃO
PRECISA DE
JUSTIFICATIVA**

TRADUÇÃO

FERNANDO GUARANY JR.



Editora Ultimato
Viçosa, MG

A ARTE NÃO PRECISA DE JUSTIFICATIVA
Categoria: Espiritualidade / Vida cristã / Ética

Copyright © Hans Rookmaaker
Traduzido do original em inglês *Art Needs No Justification*

Primeira edição: Novembro de 2010
Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro
Preparação e revisão de texto: Paula Mazzini Mendes
Capa: Souto Crescimento de Marca

Ficha Catalográfica Preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

Rookmaaker, H. R. (Hendrik Roelof), 1922-1977

R777a
2010 A arte não precisa de justificativa / H. R. Rookmaaker;
tradução de Fernando Guarany Jr. – Viçosa, MG : Ultimato,
2010.

80p. ; 21 cm.

Título original: *Art Needs No Justification*

ISBN 978-85-7779-042-5

1. Cristianismo e arte. 2. Artistas - Psicologia. I. Título.

CDD. 22. ed. 701

PUBLICADO NO BRASIL COM A DEVIDA AUTORIZAÇÃO
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557
www.ultimato.com.br

SUMÁRIO

Prefácio	07
Introdução	09
1. O pano de fundo de um dilema	11
2. A resposta da igreja	23
3. A tarefa do artista cristão	33
4. Diretrizes aos artistas	45

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, 2. ed., da Sociedade Bíblica do Brasil.

PREFÁCIO

O PROFESSOR ROOKMAAKER estava trabalhando neste livro no momento de sua morte, em 13 de março de 1977. Sua intenção de escrever um suplemento jamais se tornou realidade. O material foi reorganizado e revisado, mas é essencialmente o que o autor redigiu. Em nossa tentativa de sermos fiéis às suas intenções, fomos grandemente auxiliados por seu colega da Universidade Livre de Amsterdã, Graham Birtwistle.

A Arte Não Precisa de Justificativa não é uma obra técnica nem é direcionada exclusivamente aos artistas. É uma leitura para todos os cristãos que desejam usar os talentos que receberam de Deus para a glória daquele que os presenteou. Não se trata de uma pesquisa da cena artística, nem de uma análise detalhada das origens dos problemas enfrentados pela civilização. É uma chamada profética aos artistas, artesãos e músicos cristãos para que pranteiem, orem, pensem e trabalhem antes que seja tarde demais.

OS EDITORES

INTRODUÇÃO

OS ARTISTAS em nossa sociedade estão em uma posição muito particular. Por um lado, são bastante considerados, sendo vistos como sumos sacerdotes da cultura, conhecedores dos segredos internos da realidade. Por outro, são vistos como pessoas completamente supérfluas. Respeitados, sim. Porém, muitos estão prontos a permitir que morram de fome. Queremos que os artistas sejam sérios e criem coisas profundas com um valor quase eterno, coisas sobre as quais as pessoas ligadas àquela cultura possam conversar séculos mais tarde. Porém, se eles quiserem alcançar sucesso, são forçados a aderir aos gostos do momento, a ser comerciais e a fazer papel de palhaço em vez de sábio. Claro que esse não é um problema novo. Tem sido assim deste o século 18, quando o antigo conceito do artista como artesão começou a ser trocado por um conceito que o considerava tanto um gênio talentoso quanto um segregado social e econômico.

Os artistas cristãos também têm de lidar com essas complicadas tensões. Contudo, seus problemas frequentemente são maiores porque é difícil para qualquer cristão viver em um mundo pós-cristão. Espera-se que os artistas trabalhem a partir de suas convicções, mas isso pode ser visto por seus

contemporâneos ateus como ultraconservador ou totalmente ultrapassado. Além disso, eles geralmente não contam com o apoio de sua própria comunidade, igreja e família, que os consideram radicais ou desocupados imprestáveis. Eles são acusados de estarem no caminho errado desde o princípio. Assim, os artistas cristãos frequentemente trabalham debaixo de forte pressão.

Por outro lado, precisamos muito de uma arte que seja saudável e boa, e que as pessoas entendam. Se os cristãos fizerem esse tipo de trabalho, talvez não alcancem grande fama, mas muitos amarão suas obras. E muitos conseguirão ganhar a vida assim. Portanto, não há razão para autopiedade. Há uma contribuição a ser feita em uma época que é, de maneira geral, explicitamente anticristã.

A Arte Não Precisa de Justificativa é dedicado aos artistas cristãos que tive a honra de conhecer e cujo trabalho considero importante em vários aspectos. É resultado de uma palestra realizada em 1975 no Festival de Artes na Inglaterra, ao qual compareceram algumas centenas de jovens artistas que se professavam cristãos ou que eram, pelo menos, interessados na questão. Agradeço a Nigel Goodwin e sua equipe – que organizaram essa e outras conferências similares – pelo convite, uma das muitas demonstrações de amizade baseadas em fé e interesse comuns.

Deve ficar claro que falo primeiramente ao pintor e ao escultor, criadores das artes visuais. Assim o faço pelo fato de meu conhecimento estar primariamente nesse campo. Contudo, a situação e os problemas são similares aos enfrentados por muitos artistas, músicos, compositores, atores, escritores, dançarinos, comediantes e outros.

O PANO DE FUNDO DE UM DILEMA

O PAPEL DOS ARTISTAS nem sempre foi o que é hoje. Em muitas culturas, incluindo a nossa, antes do novo período que começou entre 1500 e 1800, os artistas eram principalmente artesãos. Fazer arte significava fazer as coisas de acordo com certas regras – as regras da classe dos artesãos. Os artistas eram exímios trabalhadores que sabiam como entalhar uma imagem, pintar uma Madona, construir um baú, fazer um portão de ferro fundido, produzir um candélabro de bronze, tecer uma peça de tapeçaria, trabalhar em ouro ou prata, fazer uma sela de couro e assim por diante. Eles eram membros de associações de classes assim como outros trabalhadores habilidosos. Alguns eram mestres e investiam suas comissões na loja. Outros eram ajudantes, aprendizes e servos. O ateliê era, na verdade, uma oficina

com divisões sutis de trabalho, liderado por alguém que hoje chamaríamos de artista e cujo nome talvez ainda saibamos. Entretanto, mesmo que os artistas não tivessem a honra que costumamos conceder-lhes hoje em dia (havia exceções, como os artistas que eram honrados por seus mecenas), eles realmente fizeram coisas lindas que, mesmo após muitos séculos, ainda apreciamos. Além disso, frequentemente contribuímos para a restauração de suas obras, visando passá-las para a geração seguinte. Não existe um único folheto turístico de uma cidade ou país que não exiba com orgulho os monumentos duradouros do passado. Seja lá o que esses artistas ganharam produzindo tais tesouros — igrejas, estátuas, monumentos em túmulos, pinturas em paredes, relicários, candelabros, pinturas, livros ilustrados, casas, vitrais e muito mais — atualmente seus valores econômicos para o turismo são bem mais elevados. Por que será que ainda vale a pena apreciar essas obras? Obviamente, algumas dessas peças são verdadeiras obras de arte — mas não todas. A maioria delas tem uma realidade, uma solidez, um valor humano, que testifica grande habilidade artística. Os artistas trabalhavam alinhados a uma forte tradição que envolvia modelos e esquemas, conhecimento de técnicas, ferramentas e o manuseio delas; eles eram e se sentiam herdeiros das realizações de seus predecessores.

Não se buscava originalidade, mas um trabalho sério e de boa qualidade. A beleza não era um simples aditivo, mas o resultado natural dos materiais e técnicas adequados manuseados com destreza. Suas obras não exigiam debate e interpretação de especialistas, mesmo que às vezes elas fossem discutidas, elogiadas ou criticadas. O grande São Bernardo de

Claraval, líder da ordem cisterciense no século 12, fez objeção às estranhas criaturas, monstros e animais fantásticos encontrados nos capitéis dos claustros; contudo, mesmo os condenando, ele percebeu e criticou sua impropriedade, não sua beleza ou a habilidade do artista que os produzira.

Essa arte foi a expressão de um valor comum, muito mais profundo do que afluência e status, e que estava inserido em um entendimento básico sobre a vida. Porém, dentro da tradição, da rígida estrutura de habilidades, regras e padrões, havia liberdade. Se alguém fosse solicitado a reproduzir certa obra, não teria de agir como um robô; haveria espaço para mostrar sua técnica e suas qualidades. Valorizava-se a qualidade em vez da originalidade e da novidade; ainda assim, os artistas poderiam ser eles mesmos.

Somente dessa maneira podemos compreender a imensa quantidade de obras vistas ainda hoje por toda a Europa. Mesmo sem a intenção de romantizar a época em que se trabalhava duro e o pagamento era frequentemente limitado, os antigos monumentos testificam que a obra de arte não era simplesmente algo complementar. Ao contrário, a arte era parte integral do desenho de um prédio. Aquilo que chamamos de arte era a beleza natural esperada das coisas feitas humanamente. E não havia distinção clara entre a arte da pintura e escultura e aquilo que hoje chamamos de artes manuais. Habilidade, qualidade e adequação eram diretrizes.

ARTE COM “A” MAIÚSCULO

O papel dos artistas, assim como o das artes, começou a mudar em alguns países europeus durante o Renascimento.